



A Engenharia, os engenheiros e a obra de Deus

Alexandre Santos

Artigo sobre a importância não reconhecida da engenharia e dos engenheiros

A humanidade conhece dois mundos: o natural - composto pelas terras, rios, cachoeiras, ares, nuvens, mares, céus, estrelas, animais, plantas, homens, florestas, pedras, estrelas, montanhas, vales, ventanias, chuvas, raios, tempestades e tudo o mais - e o [mundo] artificial - composto por edificações, estradas, pontes, viadutos, ferrovias, hidrelétricas, usinas, pastos, lavouras, móveis, navios, trens, aviões, lâmpadas, espaçonaves, aeroportos, portos, ferramentas, equipamentos. O primeiro é obra de Deus, sem o qual nada existiria. O segundo vem sendo construído ao longo do tempo pela engenharia. Na realidade, tudo aquilo que não é da natureza bruta, substância biológica original ou regra de convívio, se insere no vasto campo da engenharia - a arte produzida pelo engenheiro a partir a aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos para modificar o mundo natural. Deste modo, em certa perspectiva, o engenheiro pode ser considerado o parceiro menor da obra de Deus e, assim, tal como acontece com os sacerdotes (homens que dizem fazer a conexão direta de seus semelhantes com o Criador), os médicos (homens cujo trabalho evita dores e prolonga a vida das pessoas) e os artistas (que moldam as coisas segundo a sua vontade), os engenheiros deveriam ser respeitados, festejados e, mesmo, venerados pela sociedade. Mas isto não acontece e não acontece porque a sociedade nunca percebeu a intervenção feita pelos engenheiros sobre a obra original de Deus para, sob Sua inspiração e delegação, ajustá-la aos interesses do Homem.

Vale dizer que, embora quase-óbvia e perfeitamente justificável, a condição mítica da engenharia é desconsiderada por muitos, inclusive pelos próprios engenheiros, os quais - como se não se soubessem 'parceiros de Deus' e, talvez, sem atinar o papel que exercem na existência do mundo artificial construído sobre a obra Dele -, nem sempre, reconhecem a grandiosidade da missão que cumprem no Universo. E, assim, como se fossem meros peões em um tabuleiro sobre o qual não têm maiores responsabilidades, os engenheiros abrem mão da liderança natural que lhes cabe em favor de outros. Aliás, esta anomalia é fruto, não apenas do fenômeno que faz atos corriqueiros se incorporarem à paisagem (como se não existissem), mas, também, das técnicas de controle social baseadas na associação do mundo à imagens moldadas segundo marcos regulatórios e símbolos financeiros, em processo que reduz a importância da realidade e dos seus autores, valorizando outros agentes conforme a modulação do processo. De fato, ao aceitar cegamente a flutuação do valor dos bens econômicos ao humor dos mercados e, também, de modificações nos regulamentos jurídicos correlacionados - minimizando, assim, a importância do mundo real em detrimento de outros elementos de percepção -, involuntariamente, as pessoas renunciam a compreensão mais clara da realidade e, neste embalo, [renunciam a percepção] das coisas que a fazem existir

[a realidade] e da engenharia que lhes deu causa e existência. Observe que, neste caso, se [as pessoas] não criarem um elemento compensatório para esta 'cegueira', as pessoas são levadas a falsos entendimentos e, em diferentes graus de alheamento, se desconectam da realidade, em descompassos que contribuem para processos inerentes às crises. Apenas para se ter idéia da divergência possível entre o mundo real e o mundo simbólico, analistas dos relatórios do departamento do Tesouro dos EUA apontam que o montante de dólares atualmente em circulação no Planeta excede em, pelo menos, duas vezes o valor dos bens comerciais efetivamente existentes.

Uma forma de evitar ou minimizar este descontrole é revalorizar o mundo real, permitindo a tomada ou retomada de consciência da sua importância [do mundo real], em atitude que, por si só, significa o reconhecimento da engenharia e, claro, dos engenheiros como elementos básicos do desenvolvimento. De sua parte - admitindo que ninguém é tão poderoso que não precise de algum tipo de ajuda e, na visada inversa, [que ninguém é] tão fraco que não possa oferecer algum tipo de ajuda e, ainda, cuidando para que a consagração pública não lhes suba à cabeça -, os homens das engenharias precisam recobrar a consciência da própria importância para a existência do mundo e lutar por maior protagonismo social, destacando o valor daquilo que fazem. Assim, retomar a posição na hierarquia das atividades e ampliar a presença no processo econômico e social são tarefas que desafiam os engenheiros, os quais devem enfrentá-las com prioridade, não só por uma questão de auto-afirmação, mas, também, como forma de aumentar a sua contribuição para o bem estar da humanidade.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco e membro da Academia Pernambucana de Engenharia

Artigo publicado pelo jornal Folha de Pernambuco, na edição de 05 de abril de 2018